



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
CAMPUS SERTÃO – UNIDADE SANTANA DO IPANEMA  
CURSO BACHARELADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

**LIDIANNY PÂMELA DA SILVA MELLO**

**O ARTESANATO E A ECONOMIA CRIATIVA NA COMUNIDADE ILHA DO  
FERRO, MUNICÍPIO DE PÃO DE AÇÚCAR, ALAGOAS**

**Santana do Ipanema-AL**

**2019**

**LIDIANNY PÂMELA DA SILVA MELLO**

**O ARTESANATO E A ECONOMIA CRIATIVA NA COMUNIDADE ILHA DO  
FERRO, MUNICÍPIO DE PÃO DE AÇÚCAR, ALAGOAS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Sertão, Unidade Santana do Ipanema, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Celso Brandão  
Guerreiro Barbosa

**Santana do Ipanema – AL**

**2019**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Unidade Santana do Ipanema**

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

M527a Mello, Lidianny Pâmela da Silva

O artesanato e a economia criativa na Comunidade Ilha do Ferro,  
município de Pão de Açúcar, Alagoas / Lidianny Pâmela da Silva Mello. –  
2019.

39 f.

Orientação: Luciano Celso Brandão Guerreiro Barbosa.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas) –  
Universidade Federal de Alagoas. Unidade Santana do Ipanema. Curso de  
Ciências Econômicas. Santana do Ipanema, 2019.

Bibliografia: f. 35- 37.

Apêndice: f. 38- 39.

1. Economia criativa. 2. Desenvolvimento local. 3. Comunidade Ilha do  
Ferro - Artesanato. 4. Pão de Açúcar - Al. I. Título.

CDU: 330

LIDIANNY PÂMELA DA SILVA MELLO

O ARTESANATO E A ECONOMIA CRIATIVA NA COMUNIDADE ILHA DO  
FERRO, MUNICÍPIO DE PÃO DE AÇÚCAR, ALAGOAS

Monografia apresentada a Banca Examinadora para o Curso de Bacharelado em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador (a): Professor Doutor Luciano Celso Brandão Guerreiro Barbosa

Monografia defendida e aprovada em 26/09/2019

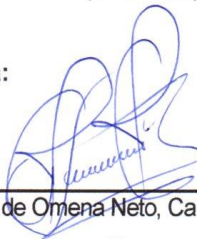


Professor Doutor Luciano Celso Brandão Guerreiro Barbosa, Campus Sertão –

Universidade Federal de Alagoas

(Orientador)

Banca Examinadora:



Professor Mestre Alcides José de Omena Neto, Campus Sertão – Universidade Federal de

Alagoas

(Examinador 1)



Professor Mestre Gileno Costa Pereira, Campus Sertão – Universidade Federal de

Alagoas

(Examinador 2)

“Uma visão sem ação é apenas um sonho; uma ação sem visão apenas passa o tempo; uma visão com ação muda o mundo”

**Nelson Mandela**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e oportunidade de estar concluindo o curso de Economia pela Universidade Federal de Alagoas. Também, agradeço aos meus pais, José Alves e Maria do Rosário, que sem o apoio diário deles minha formação não seria possível, a toda a minha família, em especial, a minha filha, a todos os bons amigos que fiz durante o curso: Anita Grazielly, Neto Amorim, Yugo Batista, Patrick Oliveira, Guilherme, Jaciel, Érick Melo, Lara Cristina, André Amorim, Yamin Teodósio, Yasmin Farias, aos meus amigos de turma, Rodolfo Carvalho, José Adeilton, Wagner Januário, José Jefferson, Thamires Batista, a amiga Elizete Itiuba e tantos outros.

Agradeço também ao Professor Hérmanni Magalhães que com todo seu cuidado me fez crescer intelectualmente e pessoalmente, e com sua experiência, conseguiu direcionar meus olhos claramente para um futuro onde não acreditava que seria possível chegar, hoje sei que além de um bom Professor terei um eterno amigo.

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória até aqui, Isabelita, Alcides, Lídia Ramires, Isabel Cristina, Acúrcio. Agradeço a paciência e a amizade do meu orientador Luciano Barbosa, que apesar de todas as dificuldades sempre confiou na minha capacidade de produzir, com quem pude aprender sobre a importância do observar, crescer e estar sempre aprendendo independentemente do nível alcançado.

Agradeço aos moradores da comunidade de Ilha do Ferro, ao artesão Aberaldo Dias Lima e toda a sua família por sempre me recepcionar de braços abertos em sua residência, local de trabalho e confecção de suas maravilhosas obras, estas mesmas que me inspiraram para realização dessa pesquisa, obrigada a Dona Vanda, sua esposa, que também é responsável pelos bordados de boa-noite típico da comunidade.

Agradeço também a Universidade pelas oportunidades de conhecimento, participações de projetos, monitorias e diversas outras atividades em diversos segmentos de estudos. Minha eterna gratidão.

## RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão de literatura, relacionada ao trabalho realizado por um grupo de artesãos moradores de uma comunidade localizada no Sertão de Alagoas. A Comunidade Ilha do Ferro, em Pão de Açúcar, Alagoas, possui uma riqueza cultural que está sendo esquecida, podendo ser um importante meio para a obtenção de qualidade de vida na Comunidade e para o município, atrelado nos princípios oriundos da economia criativa. Este trabalho possui como objetivo descrever a importância que a economia criativa, especificamente o artesanato com madeira, possui para os moradores da Comunidade Ilha do Ferro, em Pão de Açúcar, Alagoas, bem como entender, de forma preliminar, os problemas e potencialidades existentes nesta Comunidade, e no segmento do artesanato local. A abordagem metodológica utilizada foi a qualitativa. Após inúmeras visitas à comunidade foi notado que os artesãos necessitam de um apoio local para o desenvolvimento de seus trabalhos (artesanato) e, também, de espaço e acompanhamento para melhor realização dessas atividades. Então, esta pesquisa aponta, preliminarmente, meios de contribuição e de oportunidades relacionada ao empreendedorismo e desenvolvimento em pequenas localidades.

**Palavras-chave: Empreendedorismo; desenvolvimento local; artesanato.**

## **ABSTRACT**

This research was developed through a literature review, related to the work done by a group of artisans living in a community located in the Sertão de Alagoas. The Ilha do Ferro Community, in Pão de Açúcar, Alagoas, has a cultural richness that is being forgotten and can be an important way to obtain quality of life in the Community and for the municipality, based on the principles of the creative economy. This paper aims to describe the importance that the creative economy, specifically wood crafts, has for the residents of the Ilha do Ferro Community, in Pão de Açúcar, Alagoas, as well as to understand, in a preliminary way, the problems and potentialities that exist in this area. Community, and in the local craft segment. The methodological approach used was the qualitative one. After numerous visits to the community it was noted that the artisans need local support for the development of their work (handicrafts) and also space and monitoring to better perform these activities. Thus, this research preliminarily points out ways of contributing and opportunities related to entrepreneurship and development in small localities.

**Keywords: Entrepreneurship; local development; handicraft.**



## LISTA DE TABELAS

**TABELA 1:** Dados dos indicadores IDH, PIB, Per Capta .....23

**TABELA 2:** Dados sobre o desenvolvimento do Município.....23

## LISTA DE IMAGENS

<b>FIGURA 1</b> - Cristo Redentor - Pão de Açúcar-AL .....	22
<b>FIGURA 2</b> – Mapa com a localização de pão de açúcar e Ilha do Ferro .....	24
<b>FIGURA 3</b> – Artesanato em madeira confeccionado por Aberaldo D. Lima..	25
<b>FIGURA 4</b> – Artesão Fernando em meio a seu material de trabalho.....	27
<b>FIGURA 5</b> – Esculturas em madeira criadas por Aberaldo.....	30
<b>FIGURA 6</b> – Artesanato exposto na novela “a lei do amor”.....	31

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
2.	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	15
2.1.	O Desenvolvimento sob a Perspectiva de Amartya Sen.....	15
2.3	Desenvolvimento Local, Economia Criativa e Empreendedorismo	17
2.3.1.	Interligando desenvolvimento local, economia criativa e empreendedorismo: um breve relato de experiências em torno do artesanato..	21
<b>3.</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>21</b>
3.1	Pão de Açúcar: Terra do sol e espelho da lua .....	23
3.2	A Comunidade Ilha do Ferro .....	27
3.3	Elementos para o desenvolvimento local e políticas públicas.....	32
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>36</b>
	<b>APÊNDICE - 1</b> .....	<b>39</b>
	<b>APÊNDICE – 2</b> .....	<b>40</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Desenvolvimento é essencial para o crescimento de um determinado local, para que isso aconteça é preciso que a comunidade esteja disposta a trabalhar a fim de buscar o crescimento do lugar. Esse trabalho deve ser feito preferencialmente em conjunto com as autoridades locais, a fim de resgatar o bem-estar social com a melhoria através da saúde, segurança, educação, cultura e outros requisitos básicos para uma boa vivência que são requisitos essenciais para que se exista um bom crescimento local.

O artesanato surgiu desde os primórdios. Sabe-se que o homem durante a evolução sempre produziu seus próprios artigos para sobrevivência: suas vestimentas, armamentos para caça a fim de garantir sua alimentação e de proteger-se, entre outros artigos. No período histórico a.C (antes de Cristo), já eram feitas as primeiras peças artesanais pelo homem que nesse tempo já conseguia tecer fibras animais e, também, vegetais.

No Brasil, o artesanato garante sustento de muitas famílias e comunidades, sua identidade se dá a partir das características de cada local, ele é um dos mais ricos do mundo, conseguimos encontrar uma vasta variação desse trabalho que faz parte da cultura do País, espalhados por diversas regiões, tendo como destaque as Regiões Nordeste, Norte e Sul.

Aqui no Brasil esse trabalho foi iniciado pelos índios que conseguiam criar peças de bijuterias através de sementes e plantas, ainda hoje muitos deles vivem espalhados em florestas pelo País, vivendo no dia de hoje seguindo os mesmos costumes do início da existência do homem.

Nos dias atuais essas atividades artesanais, na maioria dos casos, são obtidas e repassadas por várias gerações familiares que têm aquele segmento cultural levado consigo, como um costume parental, ou como uma forma de obter renda extra e, muitas vezes, a única para manter o sustento da família, fazendo surgir, a partir disso, pequenos empreendedores.

O trabalho de empreendedorismo é de suma importância para o comércio. Existem pessoas que nascem com o espírito da criação e da inovação, tendo assim, que ser observadas e valorizadas cautelosamente por investidores e empresários locais, pois, maioria dessas pessoas não tem renda fixa para desenvolvimento de

suas ideias, podendo assim, filtrar parcerias de vendas e expansão comercial para ambos.

Um empreendedor não é aquele que abre uma empresa por falta de oportunidade no mercado, é aquele que enxerga uma oportunidade em uma determinada situação e a partir daí decide investir nela. Esse trabalho não está ligado apenas ao desenvolvimento econômico, mas também, ao social, pois ele além de gerar emprego, ele gera um desenvolvimento pessoal no sentido de facilitar a vida trazendo comodidade, ele é o principal responsável pela tomada de decisão, devido uma de suas qualidades ser a de conseguir enxergar possíveis soluções diante de um período de crise no mercado.

Para um economista, um empreendedor é uma pessoa que traz recursos, trabalho, materiais e outros bens em combinações que fazem engrandecer seu valor, e também, alguém que introduz mudanças, inovações e uma nova ordem. Para um psicólogo, tal pessoa é tipicamente levada por certas forças de necessidades de obter ou atingir algo, de experimentar, de realizar, ou talvez de escapar da autoridade de outros. Para um homem de negócios, um empreendedor parece uma ameaça, um competidor agressivo, enquanto para outro homem de negócios, um empreendedor pode ser um aliado, uma fonte de material, um cliente, ou alguém que cria riqueza para outros, assim como achar melhores maneiras de utilizar os recursos, reduzir o desperdício e produzir empregos que outros estão felizes em conseguir (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2005, p. 1).

A união desses elementos se dá na perspectiva de crescimento econômico, social e progresso pessoal, devido as oportunidades que são melhores desenvolvidas e da autorrealização em sentir prazer pelo que se faz. Desta maneira, verifica-se, atualmente, o crescimento que vem tendo o contexto, no qual as pessoas procuram serem donas do seu próprio negócio, pois os princípios do empreendedorismo, logo o ambiente empreendedor, vem crescendo absurdamente no decorrer dos últimos anos, adaptando-se ao perfil de cada trabalhador, seja no que se refere a questão de produção, ou financeira.

Por sua vez, este ambiente empreendedor, vem tendo este crescimento atrelado, ainda, a falta de oportunidade, ora oferecida pelo mercado e, também, decorrente da busca por comodidade e pela ideia de retorno financeiro no curto prazo, que as pessoas possuem e que, cada vez mais, as encantam.

Assim, diante deste contexto, este Trabalho de Conclusão de Curso, possui como objetivo geral descrever a importância que a economia criativa, especificamente o artesanato com madeira, possui para os moradores da Comunidade Ilha do Ferro, em Pão de Açúcar, Alagoas, bem como entender, de

forma preliminar, os problemas e potencialidades existentes nesta Comunidade, e no segmento do artesanato local.

Já, como objetivos específicos, este trabalho busca:

- a) Fazer uma revisão de literatura interligando três vertentes teóricas: desenvolvimento local, empreendedorismo e economia criativa;
- b) Interligar as vertentes teóricas analisadas na revisão teórica com o segmento do artesanato; e
- c) Discorrer acerca da importância que o artesanato possui para a Comunidade Ilha do Ferro, em de Pão de Açúcar, Alagoas, correlacionando, de forma exploratória, com o processo de desenvolvimento local desta Comunidade.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1. O Desenvolvimento sob a Perspectiva de Amartya Sen

O desenvolvimento pode ser entendido, genericamente, como decorrente de um processo que leva ao progresso e a melhoria do bem-estar das pessoas, as quais buscam essa melhoria de forma conjunta e em prol de um determinado local. Esse processo se dá quando os representantes institucionais local e a sociedade, trabalham de maneira a fazer a diferença para alcançar tal objetivo.

O presente trabalho, estrutura sua fundamentação teórica e analítica sobre desenvolvimento, balizado no pensamento do Economista Amartya Sen. Sen, ganhador do prêmio Nobel de Economia, no ano de 1998, abordando a importância o bem-estar social possui para o desenvolvimento, tendo com principal ideia a noção de que a liberdade está atrelada a capacidade de escolhas, caso o indivíduo não possa e nem tenha capacidade de fazê-las não poderá usufruir de liberdade, logo a localidade não alcançará o status de desenvolvida.

Em seu Livro Desenvolvimento como Liberdade, ele tenta mostrar que o desenvolvimento não está resumido a apenas indicadores como: O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), PIB (Produto Interno Bruto) e a renda. Quando trata de desenvolvimento, Sen tenta repassar que uma das coisas mais importantes é a diminuição da desigualdade social dentro de uma sociedade para que ela consiga iniciar um processo de crescimento gradual a partir de processos primários, como: bem-estar social, educação, saúde e acesso às necessidades básicas, através de bens públicos, seguido de um ambiente para que possa se viver com dignidade e oportunidades de liberdade, onde se refere a capacidades individuais construtivas para se viver bem.

Amartya Sen (2010, p. 17) argumenta que:

Se a liberdade é o que o desenvolvimento promove, então existe um argumento fundamental em favor da concentração nesse objetivo abrangente, e não em algum meio específico ou em alguma lista de instrumento especialmente escolhida. Ver o desenvolvimento como expansão das liberdades substantivas dirige a atenção para os fins que o tornam importantes, em vez de restringi-la a alguns dos meios, que inter alia, desempenham um papel relevante no processo.

A falta de renda pode ser uma razão primordial da privação de capacidades de uma condição para uma vida pobre. Assim, para Sen, precisam ser retiradas toda e qualquer tipo de privações de liberdade para que se possa pensar em progresso,

que em sua visão resume-se em intolerância, mal serviço público, pobreza e, também, falta de oportunidades.

Neste sentido, Sen argumenta e elenca alguns critérios importantes para suprimir um ambiente de privações de liberdade socioeconômica. Para Sen (2010, p. 25-26) as

Liberdades políticas (na forma de liberdade de expressão e eleições livres) ajudam a promover a segurança econômica. Oportunidades sociais (na forma de serviços de educação e saúde) facilitam a participação econômica. Facilidades econômicas (na forma de oportunidades de participação no comércio e na produção) podem ajudar a gerar a abundância individual, além de recursos públicos para os serviços sociais. Liberdades de diferentes tipos podem fortalecer umas às outras.

Amartya Sen faz uma extensa comparação sobre oportunidades econômicas, liberdade política e segurança protetora, tentando mostrar que todas as pessoas têm o direito à liberdade, em quais quer que sejam os seguimentos. O cidadão tem total direito ao livre desenvolvimento, não sendo visto apenas como um receptor de benefícios. Ele ainda ressalta que, a liberdade não depende somente das pessoas, mas, também, de outros determinantes como as disposições sociais e econômicas como os serviços de educação e saúde.

Além disso, Sen faz uma crítica ao crescimento econômico, como algo que possui sentido em si, bem como, as premissas que colocam o crescimento econômico como sinônimo de desenvolvimento, pois para (2010, p. 29)

O crescimento econômico não pode sensatamente ser considerado um fim em si mesmo. O desenvolvimento tem que estar relacionado sobretudo com a melhora da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo.

No entanto, o desenvolvimento não pode ser considerado um fim, mas sim mais uma forma ou um meio de se obter a liberdade. Em sua ideia, a pobreza é aquilo que te priva da liberdade, e não apenas o que conhecemos como baixa renda. A liberdade que ele tanto enfatiza, se dá na ideia de que todos têm direito a boa alimentação, moradia, vestimenta e acesso a serviço público de qualidade. Além disso, “precisamos também considerar o impacto da democracia e das liberdades políticas sobre a vida e as capacidades dos cidadãos” (SEN, 2010, 178).



### 2.3 Desenvolvimento Local, Economia Criativa e Empreendedorismo

Segundo Buarque (2008, p. 25); Desenvolvimento local é a união de um determinado grupo de pessoas em prol de um objetivo coletivo, onde, através do trabalho comunitário são discutidas e buscadas possíveis soluções para resolução dos problemas locais. É a procura pela melhoria coletiva, a busca por novos meios de crescimento em favor da sociedade como um todo, é basicamente um conjunto de estágios econômico, político e social de uma de uma comunidade, não se limitando apenas a questão econômica. Buarque (2008, p. 25) conceitua o desenvolvimento local

[...] como um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Para ser consistente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar as potencialidades locais e contribuir para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local. Ao mesmo tempo deve assegurar a conservação dos recursos naturais locais, que são a base mesma das suas potencialidades e condição para a qualidade de vida da população local.

Neste sentido, é perceptível que o desenvolvimento local não exige, necessariamente, que em um dado território se estabeleça um processo de industrialização, a ideia é justamente oposta a isso. Essa forma de desenvolvimento ocorre pela exploração sustentável dos potenciais produtivos que as regiões podem oferecer, no intuito de inserir no mercado de trabalho aquelas pessoas que estavam em situação social de risco, toda via faz-se necessário compreender que o desenvolvimento local possui um caráter de sustentabilidade.

Deste modo, Buarque (2008, p. 25) argumenta que

O desenvolvimento local é resultado de múltiplas ações convergentes e complementares, capaz de quebrar a dependência e a inercia do subdesenvolvimento e do atraso em localidades periféricas e de promover uma mudança social no território. Não pode se limitar a um enfoque econômico, normalmente associado as propostas de desenvolvimento endógeno, mas não pode minimizar a importância do dinamismo da economia. Especialmente em regiões e municípios pobres, deve perseguir o rigor com o aumento da renda e das riquezas locais, por meio de atividades econômica viáveis e competitivas, vale dizer, com capacidade de concorrer nos mercados locais, regionais e, no limite, nos mercados globais.

Diante do exposto, essas múltiplas ações complementares possuem um caráter de cooperativismo, mesmo que não sejam explícitas, pois o desenvolvimento local é a soma da união de várias percepções sobre a questão desenvolvimentista. Todavia, é a partir dessa lógica de desenvolvimento que a

dependência de regiões pobres é quebrada, tendo em vista que partir dessa lógica a ideia pejorativa de que o desenvolvimento só seria atingido via industrialização.

Para Santos (2010 *apud* Alcade, 2007, p. 1 ),

A importância crescente de análise sobre desenvolvimento local encontra-se, hoje, em inúmeros estudos tanto em âmbito nacional quanto internacional. A construção dos conceitos de desenvolvimento local, e políticas públicas é um processo amplo e de debate permanente, como nova maneira de promover o desenvolvimento, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das comunidades, com capacidade de suprir suas necessidades mais imediatas, e de incrementar o intercâmbio externo por meio de ações comunitárias conjuntas. Para tanto, se fez necessário conhecer o perfil da comunidade estudada, pois sem conhecer a comunidade em questão, bem como sua realidade, se tornaria difícil visualizar os caminhos a serem seguidos.

Nesta perspectiva, o empreendedorismo apresenta-se como lógica de suma importância para o comércio, pois existem pessoas que nascem com o espírito da criação e da inovação, tendo, assim, que ser observadas e valorizadas cautelosamente por investidores e empresários locais, pois grande parte dessas pessoas não tem renda financeira fixa para desenvolvimento de suas ideias, podendo, assim, filtrar parcerias de vendas e expansão comercial com ganhos mútuos para ambos.

Um empreendedor não é aquele que abre uma empresa por falta de oportunidade no mercado, é aquele que enxerga uma oportunidade em uma determinada situação e a partir daí decide investir nela. A perspectiva do empreendedorismo não está ligado apenas ao desenvolvimento econômico, mas, também ao social, pois ele além de gerar emprego ele gera um desenvolvimento pessoal no sentido de facilitar a vida trazendo comodidade, ele é o principal responsável pela tomada de decisão, devido uma de suas qualidades ser a de conseguir enxergar possíveis soluções diante de um período de crise no mercado.

No decorrer do processo histórico, muitas regiões não conseguiram se inserir em um processo de industrialização, como ocorre com a maioria dos municípios da Regiões do Semiárido Alagoano. Nesse sentido, o senso comum e, também, a Academia, em alguns casos, acabam por entender que o desenvolvimento socioeconômico só pode ocorrer através da industrialização.

Mas, o que ocorre é que isso não pode ser levado como regra, uma vez que o desenvolvimento pode ser alcançado através de uma corrente denominada: desenvolvimento local. Essa corrente de desenvolvimento funciona quando um conjunto de pessoas lutam em prol de um mesmo objetivo em busca do

melhoramento pessoal e social.

A questão do empreendedorismo no Brasil, suas concepções e elementos influenciadores devem ser tratados com muita cautela. Há alguns anos, ser dono do próprio negócio era coisa de grandes empresários, atualmente, os pequenos negócios são as organizações econômicas que mais crescem no mercado, independentemente da renda pessoal de seu dono (fundador, investidor, empreendedor, etc.). As pessoas estão, cada vez mais, em busca da independência financeira, buscando suas próprias potencialidades a fim de poder expandir suas qualidades e perspectivas de vida.

O Governo e as organizações precisam se unir para elaborar um sistema de desenvolvimento do empreendedorismo no País como incentivos fiscais, novos cursos, pesquisas científicas, patentes, e estímulo a culturas empreendedoras em regiões consideradas mais remotas (ASAAS, 2016).

Em março de 2012, a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, decretou a criação da Secretaria da Economia Criativa, que tinha como objetivo criar, políticas públicas, priorizando o apoio e o fomento aos profissionais e aos micro e pequenos empreendimentos criativos brasileiros. Com isso esses pequenos empreendedores conseguiram mais visibilidade e conseqüentemente um apoio para que seu trabalho fosse visivelmente ampliado no segmento de desenvolvimento, tornando-se para muitos, fonte principal de renda. “A economia criativa, pode ser considerada a economia do intangível, do simbólico. Ela se alimenta dos talentos criativos, que se organizam individual ou coletivamente para produzir bens e serviços criativos” (BRASIL, 2011 p. 24).

Segundo dados do Sebrae (2016, p. 13), “os números de empreendedores que surgem a cada ano no Brasil são muito grandes”, e no Estado de Alagoas não é diferente. Esses resultados preocupam, devido a esses pequenos empresários procurarem administrar seu próprio negócio enfrentando a crise econômica no País, onde contrário a isso, o desemprego está a longo tempo em evidência. Com isso, essa procura imediata em tentar se repor no mercado através da ideia de levantar uma empresa, não é tão simples como parece.

Para um economista, um empreendedor é uma pessoa que traz recursos, trabalho, materiais e outros bens em combinações que fazem engrandecer seu valor, e também, alguém que introduz mudanças, inovações e uma nova ordem. Para um psicólogo, tal pessoa é tipicamente levada por certas forças de necessidades de obter ou atingir algo, de experimentar, de realizar, ou talvez de escapar da autoridade de outros. Para um homem de

negócios, um empreendedor parece uma ameaça, um competidor agressivo, enquanto para outro homem de negócios, um empreendedor pode ser um aliado, uma fonte de material, um cliente, ou alguém que cria riqueza para outros, assim como achar melhores maneiras de utilizar os recursos, reduzir o desperdício e produzir empregos que outros estão felizes em conseguir (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2005, p. 1).

Para assumir um trabalho como empreendedor é preciso ter muita determinação e coragem para assumir riscos, apesar de parecer um mercado mais fácil de administrar, o pequeno comerciante que tenta sobreviver no ramo do empreendedorismo corre muito mais riscos do que aqueles que já se encontram no mercado mesmo que não estejam em boas condições comerciais.

É nos territórios urbanos ou rurais que podem ser implantadas políticas voltada a mobilizar as energias necessárias a que a pobreza seja significativamente reduzida, por meio do fortalecimento do empreendedorismo de pequeno porte. A vitória sobre a pobreza depende, antes de tudo, do aumento das capacidades produtivas e da inserção em mercados dinâmicos e competitivos dos milhões de famílias cuja reprodução social se origina em seu trabalho “por conta própria”. O alargamento dos horizontes contidos nesta proposição só pode vir de uma política nacional que estimule a ampliação dos vínculos sociais localizados dos que hoje estão em situação de pobreza e este é o sentido maior da noção de desenvolvimento territorial (ABRAMOVAY, 2003, p. 02).

Ainda, segundo o Sebrae (2016, p. 19) , “Em termos setoriais, para as empresas nascidas em 2012, verifica-se que a maior taxa de sobrevivência foi registrada nas empresas do setor industrial (80%), seguida pela taxa da construção (79%), do comércio (77%) e de serviços (75%)”. Devido ao medo do desemprego, muitas pessoas não fazem um planejamento adequado para melhor desenvolvimento de suas empresas sejam elas micros ou médias, por trás dessa ideia, existem os carregadores de sonhos, que aos poucos conseguem fazer um estudo e planejar melhores meios conseguindo assim, apesar das variações econômicas manterem-se em pé durante o período de crise.

O espírito de empresa, elemento central no pensamento Schumpeteriano, surge como uma categoria abstrata, independentemente do tempo e de toda ordem institucional. É, aparentemente, um dom do espírito humano, assim como a propensão para a troca de Adam Smith. O empresário seria fenômeno de todas as organizações sociais, da socialista à tribal (FURTADO, 1977, p. 47).

O empreendedor nasce para exercer essa função, tendo assim, uma facilidade para liderança, criação e desenvolvimento de serviços que são vistos talvez, como impossíveis diante dos olhos daqueles que não tem uma visão transformadora. Essa função exige que você tenha uma visão além, conseguindo enxergar soluções de imediato em situações vistas como impossíveis por maioria

dos empresários. O papel do empreendedor nada mais é do que estar sempre vendo pelo lado positivo das coisas, fazendo com quem não se abale com as primeiras quedas para que consiga alcançar o real objetivo de desejo que é a estabilidade no mercado.

### **2.3.1. Interligando desenvolvimento local, economia criativa e empreendedorismo: um breve relato de experiências em torno do artesanato**

#### **2.3.1.1. O Caso do Município de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul**

Podemos citar como exemplo o desenvolvimento do artesanato na cidade de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, onde a partir da organização e planejamento dos artesãos com o apoio Municipal e do comércio, conseguiram formalizar seu trabalho através de aperfeiçoamento em estudos e trabalho técnico, cursos profissionalizantes em vários segmentos para que pudessem seguir o caminho do empreendedorismo através daquilo que faziam de melhor, a arte manual.

No decorrer desse progresso a comunidade não sabia bem como seria o andamento daquela situação, até então eles se viam como concorrente, porém, após algumas reuniões e um bom planejamento de negócios, conseguiram entender que o trabalho em conjunto seria melhor para toda a comunidade, onde não trabalhariam na lógica da concorrência e sim, no sentido de ninguém sair perdendo, todos produziam e todos recebiam pelo seu trabalho de forma justa.

Podemos perceber que em maioria dessas comunidades que sustentam o trabalho cultural e econômico do artesanato a falta de informação consegue formar ideias de competitividade na cabeça dessas pessoas, fazendo com que o trabalho em conjunto acabe sendo para eles algo que não seja produtivo, no entanto, essa seria uma das melhores soluções para pequenas comunidades que tem a cultura desse trabalho, pois através das associações e do cooperativismo a facilidade de se conseguir apoio tanto estadual como municipal são maiores devido a melhor organização.

#### **2.3.1.2. O Caso da Comunidade Quilombola em Giral Grande, Bahia**

Seguindo a linha de pensamento em busca de desenvolvimento, também temos como exemplo o caso da Comunidade Quilombola de Giral Grande que fica localizada no estado da Bahia, onde, segundo Alcade (2011), através do trabalho

do artesanato foi possível fazer a junção de diversas comunidades Quilombolas em cima da perspectiva de progresso de toda a região, fazendo com que 550 famílias trabalhassem em prol de desenvolvimento do conjunto.

A cultura dessas comunidades é vista como totalmente sustentáveis, devido, suas peças serem locionadas com materiais que seriam descartados no lixo, eles conseguem transformarem arte, materiais que possivelmente seriam jogados na natureza e acabaram causando impacto para o meio ambiente. Essas famílias são responsáveis por criar enxovais, roupas, bolsas entre outras variedades de peças e fazer conserto de roupas que seriam também descartadas através do recolhimento e aplicação de retalhos de tecidos, sempre mantendo a cultura de cores fortes e diferentes estampas onde fez surgir a característica forte e única desse trabalho.

Através dessa iniciativa de trabalho eles conseguiram formar sua própria identidade cultural e assim conseguiram o autoreconhecimento através do trabalho compartilhado com outras famílias e de suas capacidades trazendo também os olhares de fora da comunidade.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Quanto a abordagem metodológica, este estudo enquadra-se na classificação de pesquisa qualitativa, que como expõe Godoy (1995, p.21) “[...] enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques”. Já para Richardson (2015, p. 79), “o método qualitativo difere quanto ao quantitativo à medida que não emprega um instrumento estatístico como base do processo de análise do problema.

Assim, esta pesquisa se iniciou com pesquisas bibliográficas em materiais publicados como livros, artigos científicos, revistas científicas e internet (sites especializados), buscando apresentar, analisar e discutir temas sobre o principal objeto de estudo do trabalho, que são as questões relacionadas à importância do artesanato de madeira na Comunidade Ilha do Ferro, no município de Pão de Açúcar, Alagoas.

Este trabalho de pesquisa, buscou abordar a história, os principais conceitos e problemas enfrentados pela Comunidade Ilha do Ferro e por seus moradores no que se refere ao desenvolvimento local, no âmbito da economia criativa,

especificamente no que se refere ao artesanato.

Durante o processo de estudo, foram feitas 08 (oito) visitas a comunidade, seguida de entrevistas com um representante local e um representante da Prefeitura Municipal, utilizando roteiro de entrevista com questões abertas, para que pudesse ser coletado dados/informações e, conseqüentemente, fossem analisados a fim de obter resultados mais precisos sobre informações não registradas e/ou documentadas.

Através de uma revisão bibliográfica, associado a observações *in lócus* e a entrevistas realizadas, foi possível verificar a importância do artesanato para a melhoria socioeconômica dos moradores da Comunidade Ilha do Ferro, bem como entender, de forma preliminar, os problemas e potencialidades existentes nesta Comunidade, e no segmento do artesanato local.

### **3.1 Pão de Açúcar: Terra do sol e espelho da lua**

O município de Pão de Açúcar está localizado na Mesorregião do Sertão Alagoano, à 230km da Capital. Possui uma área de 658,955km<sup>2</sup>, densidade demográfica de 34,86 habitantes, segundo dados Censo de 2010 do IBGE.

O Município tem um potencial muito grande para o turismo, principalmente por ter diversos locais históricos para visitaçãO. Um dos mais visitados é o Cristo Redentor, que foi esculpido pelo Pão de Açucarense, João Lisboa no ano de 1950. Neste ponto turístico é possível ter uma vista panorâmica de toda a Cidade, inclusive, de toda a passagem do Rio São Francisco pela Cidade de Pão de Açúcar e dividindo os estados de Alagoas e Sergipe.

**Figura 1 – Cristo Redentor em Pão de Açúcar, Alagoas, 2019.**



Fonte: Autora (2019).

No que se refere aos indicadores econômicos, Pão de Açúcar possui indicadores mediano, como pode ser observado na Tabela abaixo

**Tabela 1 – Alguns indicadores econômicos de Pão de Açúcar, Alagoas, 2010 e 2016.**

INDICADORES	VALORES
Produto Interno Bruto (PIB)	R\$ 167,917 mil
PIB per capta	R\$ 6.761,58

Fonte: PNUD (2010) e IBGE (2016)

A renda per capita média de Pão de Açúcar cresceu 53,67% nas últimas duas décadas, passando de R\$ 145,98, em 1991, para R\$ 174,43, em 2000, e para R\$ 224,33, em 2010.

Isso equivale a uma taxa média anual de crescimento nesse período de 2,29%. A taxa média anual de crescimento foi de 2,00%, entre 1991 e 2000, e 2,55%, entre 2000 e 2010. A proporção de pessoas pobres, ou seja, com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 140,00 (a preços de agosto de 2010), passou de 70,25%, em 1991, para 74,88%, em 2000, e para 51,74%, em 2010.

A evolução da desigualdade de renda nesses dois períodos pode ser descrita através do Índice de Gini, que passou de 0,53, em 1991, para 0,71, em 2000, e para 0,57, em 2010 (ATLASBRASIL).

**Tabela 2 – Alguns indicadores socioeconômicos de Pão de Açúcar, Alagoas, 2010.**

INDICADORES	ANO DE 2000	ANO DE 2010
Renda per capita	174,43	224,33
% de extremamente pobres	51,90	31,38
% de pobres	74,88	51,74
Índice de Gini	0,71	0,57
Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM)	0,434	0,593

Fonte: Atlas Brasil (2013) e IBGE (2010).

Encontrando-se geograficamente numa região de clima quente-semiárido, com uma população de cerca de 23.811 habitantes, onde 13.545 habitantes estão concentrados na área rural (IBGE, 2010), Pão de Açúcar tem um diferencial entre muitas outras cidades sertanejas, pois se encontra às margens do Rio São Francisco, privilegiando-se não só dos atrativos turístico, bem como de todos os



outros benefícios proporcionados pelas águas deste rio.

Diante deste contexto, Pão de Açúcar é vista como cidade com grande potencial turístico, existindo em suas adjacências pequenas comunidades ricas em cultura e história, fazendo com que a visita a essas pequenas comunidades também se torne mais uma opção de divertimento e conhecimento histórico acerca da Região do Semiárido Alagoano.

**Figura 2 – Mapa do Brasil com a localização de Pão de Açúcar e localização da Comunidade Ilha do Ferro, Alagoas.**



Fonte: IBGE e Google Maps.

Segundo BARROS (2017, p. 391) como mostrado na imagem acima, “a região de Ilha do Ferro não é especificamente uma ilha”, apesar de estar bem próxima às águas do Rio São Francisco, o acesso a ela se dá pelo rio ou também por estrada de terra. Diferentes versões sobre a origem do nome Ilha do Ferro são contadas pelos moradores da região. Uma das mais famosas é que esse nome foi dado devido a um naufrago de uma embarcação de nome Moxotó que houve há mais de 100 anos atrás, que ocorreu bem próximo a comunidade.

Até os dias de hoje, são encontrados materiais dessa embarcação, sendo este mais um motivo que faz as pessoas optarem por fazer o passeio pelas águas e tentar ver alguma parte dessa embarcação, que ainda se encontra naufragada. Assim, neste local, pode ser observado: pedaços de madeira, pratos, armamentos, e, por algum tempo, pode ser visto suas peças, que se mantinham submersas no rio, contendo também muito ferro, por isso, começaram a chamá-la de Ilha do Ferro.

Outra versão que circula na localidade é de que a origem desse nome advém de que os primeiros donos daquelas terras, teriam o sobrenome “Ferro” (BARROS

2017).

Assim, como outras localidades ribeirinhas do Baixo São Francisco, a Comunidade Ilha do Ferro, carrega inúmeras atividades culturais, como o bordado, a pesca, agricultura, entre outros. A Comunidade sobrevive a partir da execução de diversas atividades, tais como, produção agrícola, artesanato em madeira, o bordado de meia noite que é liderado por um grupo de mulheres específico da comunidade, entre outros.

Falando sobre o artesanato, este é elaborado a partir do aproveitamento dos restos de madeira seca e, também, da extração legal desse tipo de material, impedindo assim um grande impacto ambiental através da reciclagem.

Por ser uma comunidade pequena, eles têm esse tipo de atividade como significado de luta pela sobrevivência e subsistência, prezando sempre pelas cores vivas onde conseguem expressar sua cultura e chamar a atenção de todos através dessa pintura digamos que rústica.

No caso da Comunidade Ilha do Ferro, existem dois tipos de artesanatos fortes da região, o bordado de “boa noite” que é exclusivo das mulheres bordadeiras dessa localidade e os objetos feitos com madeira, onde, os artesãos produzem trabalhos especificamente à mão, carregado de expressões, maioria das vezes retratando lendas e histórias da região através de detalhes minuciosamente precisos fazendo com que seja contada a vida através da arte.

**Figura 3 – Artesanato em madeira confeccionado por Aberaldo Dias Lima, 2018.**



Fonte: Autora (2018).

### 3.2 A Comunidade Ilha do Ferro

A ilha do Ferro está localizada a 18 km da sede do Município de Pão de Açúcar, nela vivem cerca de 450 habitantes ribeirinhos que passam a maior parte de seu tempo criando verdadeiras obras de arte com uso de materiais encontrados na própria comunidade, transformando-os em belíssimas peças de artesanato.

Povoada por pouco mais de duzentas famílias, maioria de suas casas tem o selo “Aqui tem artesão” que foram doados pelo Governo do Estado de Alagoas no ano de 2016, quando visitaram a comunidade a fim de oferecer reconhecimento àquele local. No entanto, segundo Aberaldo, artesão local, após aplicação das placas, os responsáveis não mais apareceram no local, deixando assim, todos os trabalhadores confusos, sobre o motivo de tal visita e distribuição das placas. Apenas, ficaram com a informação de que seria melhoria e identificação do estado nas casas onde se fazia o trabalho de ao artesanato.

O projeto tem como um dos seus principais objetivos promover a comercialização e a valorização do artesanato genuinamente alagoano; a Sedetur atua por meio da publicação de editais para participação em feiras nacionais, publicação de catálogo, realização de eventos locais, instalação de placas de sinalização nos principais pontos de produção artesanal, além da renovação e emissão de carteiras dos artesãos (ALAGOAS ALERTA).

No entanto para que esses artesãos tenham acesso a esses eventos e regularizações, segundo o artesão Aberaldo Dias Lima, o Município não tem se preocupado muito com a valorização desses trabalhadores.

O artesanato da Ilha do Ferro vem se tornando um elemento importante na dinâmica econômica da localidade e representa alternativa produtiva para muitas famílias residentes no povoado e adjacências (BARROS,2017).

Além do artesanato em madeira, na comunidade também é forte a cultura do bordado, qual as bordadeiras de Ilha do Ferro ficaram famosas por trabalharem com o bordado de “boa noite”, tradição vinda dos colonizadores, e se tornou trabalho exclusivo dessas mulheres, ganhando reconhecimento internacional, quando tinham o apoio de alguns programas como o Pré-arte, do SEBRAE, que eram responsáveis pelo sistema de comercialização dos produtos no Brasil e no Mundo.

O trabalho com a madeira é bem mais recente que o ofício do bordado, e data mais ou menos do final dos anos 1970 para o início dos anos 1980. Durante o período de realização da primeira e da segunda etapas da pesquisa, registramos facilmente a existência de 29 artesãos da madeira estabelecidos na localidade e redondezas, todos do sexo masculino, e esse número só tende a aumentar. Pude observar que nos últimos dez anos o número artesãos da madeira pelo menos triplicou ali (BARROS

2017).

O trabalho do artesanato em madeira na comunidade surgiu, a partir do artesão Fernando Rodrigues dos Santos, que foi o precursor do artesanato em madeira na região.

**Figura 4 – Artesão Fernando Rodrigues em meio a seu material de trabalho, 2019.**



Fonte: Acervo do Museu de Ilha do Ferro (2019).

As obras de Seu Fernando foram expostas ao longo de sua vida em vários espaços de arte e/ou decoração no Brasil e em outros países. Ele conseguiu deixar uma enorme herança cultural para os moradores de Ilha do Ferro, um de seus pupilos é o artesão Petrônio.

O artesão foi um dos muitos pupilos do Seu Fernando Rodrigues – conhecido como Seu Fernando da Ilha do Ferro, ele foi o grande responsável por transformar o povoado em centro criativo e seus bancos já estão nas casas dos maiores colecionadores do país – e explica a psicologia do mestre para contaminar uma cidade inteira: “Ele fazia desafios. Dizia que eu não conseguiria fazer um pássaro, por exemplo. No dia seguinte eu voltava com o pássaro esculpido e ele pagava mais do que eu ganhava pescando o dia todo” (CASA VOGUE, 2016)

Ainda nos dias de hoje é possível acompanhar de perto a confecção dos artesanatos do Petrônio em seu pequeno ateliê localizado meio a mata na comunidade, retratando imagens exuberantes que retratam a vida do nordestino, carregada de expressões e histórias.

Peças de Seu Fernando fizeram parte em 1987 de uma grande exposição sobre a arte popular brasileira no Grand Palais em Paris, a mostra Brésil, Arts Populaires. Hoje essas obras fazem parte do acervo do Centro Cultural de São Francisco, em João Pessoa-PB. Seu Fernando expôs ainda no Museu de Arte Popular da Paraíba e na Casa Cor de São Paulo, em 2001, com prêmio para o ambiente do designer Arthur Casas. Participou da mostra “O Sentar Brasileiro” com 100 cadeiras e bancos, que

inaugurou o Museu Oscar Niemeyer em Curitiba-PR (ARTE POPULAR DO BRASIL, 2018)

O artesanato era produzido com madeira extraída legalmente da própria localidade, onde, ele se inspirava em lendas e histórias da região para expressar os rostos e formas de suas artes.

Durante muito tempo, a ilha do ferro recebeu visitas de artistas plásticos renomados de variadas regiões do País, em buscar se conhecer aquele novo conceito de obra.

É possível encontrar algumas obras do artesão espalhadas na estrada que dá acesso a pequena comunidade de Ilha do Ferro, são diversos tipos de esculturas como Karrancas, personagens folclóricos como o “nego d’agua”, lenda das águas do Rio São Francisco e outros tipos de arte.

Ele foi registrado como Patrimônio Vivo do Estado de Alagoas, em 13 de abril de 2007. No entanto, a partir de sua morte, as coisas mudaram por ali.

O artesanato desde o início está atrelado ao turismo local, foi uma das oportunidades que os moradores encontraram de garantir uma renda extra a partir da boa recepção e elaboração arte com produtos daquela região, com características fortes e simplicidade cativante, o artesão fez de seu trabalho identidade de expressão.

O artesanato pode auxiliar no desenvolvimento da comunidade de ilha do Ferro, através do processo de comércio e exportação de produtos, fazendo que com que a região ganhe maior visibilidade com isso atrair olhares de investidores não apenas externos, mas, também, os comerciantes locais afim de que levem seus produtos para comercializar no próprio Município, fazendo com isso que a economia local consiga girar e que a procura aumente devido a facilidade de acesso.

Este trabalho consegue envolver diversos canais de desenvolvimento, um deles é o social, pois sua execução consegue despertar o interesse de toda a comunidade para o desenvolvimento dessa atividade e conseqüentemente consegue gerar mais uma opção de oportunidade de emprego onde provavelmente não existia uma boa perspectiva, fazendo com que essa atividade se tornasse cultural.

Segundo Santos (2010), O artesanato é uma atividade que pode ser analisada nas suas dimensões histórica, econômica, social, cultural e ambiental. Através do artesanato, o homem satisfaz e ainda satisfaz demandas essenciais e

acessórias do seu meio social e econômico, no tocante à obtenção de bens manufaturados.

Tendo em vista os impactos ambientais com a execução desse trabalho, podemos notar que a partir da iniciativa de reciclagem de madeira, acaba sendo evitado um grande impacto ambiental por evitar que todo esse material seja descartado de forma incorreta, gerando assim um desgaste ao meio ambiente, podendo acarretar desconforto para os próprios moradores da comunidade e região.

A expansão desse trabalho pode auxiliar também na geração de empregos dentro da comunidade, devido a necessidade de ampliação, negociação e produção de peças, com a implantação de um projeto de cooperativismo, podendo vir a ser uma excelente alternativa de desenvolvimento local.

Dentre tantos artesãos destacamos o Mestre Aberaldo Sandes Costa Lima, um dos principais artesãos que dão andamento nos trabalhos do Seu Fernando e atualmente é um dos artesãos mais conhecidos da comunidade, que extrai do local as madeiras de mulungú e umburana para construção de suas peças artesanais, com a ajuda da sua família, Mestre Aberaldo, consegue criar cerca de vinte peças por semana, diversificadas entre cadeiras, karrancas, busto e até animais típicos da região ribeirinha.

Durante a conversa, ele conta que trabalha com artesanato desde a adolescência, fato bem característico da comunidade, pois quase todas as famílias trabalhavam com artesanato, conta ainda que com o passar do tempo o artesanato modificou-se, era mais comum às canoas de torda e os carros de boi.

Recebemos muitos convites para participação em feiras nacionais e eventos internacionais de artesanato, mas não temos muito apoio da Prefeitura, ficamos sem poder levar nosso trabalho para fora e sem ter um bom reconhecimento, estamos lutando muito atrás de levar nosso material para todos os estados[...] (Depoimento de Aberaldo Dias Lima).

Quando questionado se sua principal renda deriva da arte que ele fabrica declara que sim, mas possui pluriatividade, pois é funcionário público e dedica-se a outras atividades do campo. Ele também ressalta que sente falta de incentivos governamentais de políticas públicas voltadas ao fortalecimento e desenvolvimento do artesanato local. Após o falecimento de Seu Fernando, se foram muitos dos apoios antes conquistados com muito trabalho.

Podemos destacar que a falta de políticas públicas para fomentar o trabalho do artesanato no Brasil ainda é um caso cauteloso, apesar de ser um País rico em

potencial turístico, ainda não conseguimos ver esse tipo de trabalho ganhando destaque para que enfim seja conseguido espaço em busca de oportunidades para fazer com que a economia venha poder girar a partir também dessa atividade tão importante para desenvolvimento cultural do País.

Jairo Campos, ex reitor da Universidade Estadual de Alagoas é um dos maiores incentivadores desse projeto que nasceu em torno de Seu Fernando da Ilha do Ferro. É o responsável pelo Museu Fernando Rodrigues que abriu em agosto de 2016 com peças dos melhores artesãos da cidade (CASA VOGUE,2016).

O Brasil é um país que possui diversos tipos de culturas espalhados em suas regiões, a partir da influência de povos de diferentes culturas e em cada uma dessas localidades o artesanato está presente, tendo entre elas como a mais forte, a região nordeste devido a sua importância cultural, onde esse trabalho consegue movimentar a economia como atrativo turístico de vários Municípios.

Ainda através desse trabalho consegue-se evitar grandes impactos ambientais, devido essas peças serem confeccionadas maioria das vezes por materiais que seriam normalmente descartados ou amontoados pelo meio ambiente, como: cerâmica quebrada, barro, palha, plástico, madeira seca, retalhos entre outros.

**Figura 5 – Esculturas em madeira criadas por Aberaldo Dias, 2018.**



Fonte: Autora (2018).

Suas peças são conhecidas e aprovadas pelos maiores artistas plásticos do Brasil, sendo expostas em diversas feiras de cultura, programas de TV (Encontro com Fátima Bernardes) e até novela global (A Lei do Amor e Velho Chico).

**Figura 6 – Artesanato de Aberaldo Dias exposto na novela “A lei do amor”, 2018.**



Fonte: [globo.com/gshow](http://globo.com/gshow)

### **3.3 Elementos para o desenvolvimento local e políticas públicas**

Para que exista desenvolvimento precisamos contar com os gestores e administradores locais, que através disso, poderão buscar influenciadores e recursos, podendo com isso fazer uma grande diferença no comércio e economia local, abrangendo o fluxo de turistas para o Município como escolha de passeio e visitação.

Para Lemos (2011, p. 32 *apud* ANTUNES, 1991, p.1), “falar de artesanato, ou antes, apresentar uma única definição é, senão impossível, problemático, na medida em que nos remete para diferentes saberes e referentes culturais, para uma pluralidade de objetos e atividades”.

O desenvolvimento local acontece a partir do momento em que se é tomada a iniciativa de fazer a diferença em determinado local, através da busca de melhorias e progresso de onde se vive para que com isso seja possível alcançar uma maior possibilidade de oportunidades para toda a sociedade.

Neste caso, se deu através da tomada de decisão dos moradores da comunidade, fazendo com que novos olhares buscassem conhecimento do trabalho que foi iniciado e com isso conseguiu expandir a ideia para que o serviço pudesse continuar sendo executado dentro da comunidade.

A produção artesanal está evoluindo ao longo dos anos, buscando soluções



para superar as dificuldades de se sustentar no mercado.

O artesanato como alternativa de subsistência individual e coletiva, vem atendendo a um mercado específico, e em expansão, de brindes corporativos, produtos para turistas e outros, que descaracterizam suas bases culturais e valores simbólicos, ou seja, um sistema produtivo que se distancia de seus elementos diferenciais, perante produtos que são similares aos da indústria capitalista Sasaoka (2016, p.2).

Apesar dos produtos artesanais terem capacidade de uma maior inserção tanto no mercado interno quanto no mercado externo a comunidade artesã ainda vive em situação de precariedade e desigualdade social.

A existência da pobreza não ocorre devido à falta de recursos e sim da desigual distribuição destes. “Entendendo, que o Brasil é um país rico, porém, com maiores índices de desigualdade do mundo” (WLODARSKI; CUNHA, 2005, p.06).

A lei 13.180 regulamentou a profissão de artesãos estabelecendo diretrizes para as políticas públicas de crédito e qualificação e valorização da identidade e cultura nacionais, instituiu a carteira profissional para esta categoria. A fim de contribuir com melhores condições de vida dos artesãos dessa forma, para os artesãos será mais fácil superar a precarização do trabalho artesanal e reduzir a marginalização das comunidades artesanais.

O artesanato consegue destaque no país devido ao grande potencial turístico que o mesmo apresenta em todas as suas regiões, sendo apenas separadas suas características a partir da cultura e costumes de cada local.

Políticas Públicas são aqui entendidas como o “Estado em ação” (GOBERT, MULLER, 1987 APUD HÖFLING, ELOISA, 2001). Ou seja, é o governo intervindo nos vários setores da sociedade na busca de sanar ou amenizar mazelas sociais. Boas políticas públicas trazem bons índices de crescimento e desenvolvimento social, fortalecendo e integrando uma sociedade.

Para isso, o planejamento deve contabilizar todas as possíveis formas de impactos, prevendo, se possível, o seu alcance e consequências, elaborando-se programas que minimizem os efeitos negativos. Muitas vezes, devido à mercantilização da cultura, a arte local é induzida a mudanças para agradar os turistas e vender mais. A cultura torna-se uma mercadoria, além de poder ser descaracterizada em função de um processo de assimilação de parcelas das culturas dos turistas (SANT’ANA; RICCI, 2009, p.9).

Cada sociedade possui um próprio caráter cultural, o artesanato é uma forma de expressão cultural e possui grande potencialidade de agregação de valor por

suas características heterogêneas locais, favorecendo o desenvolvimento local e sem causar danos ao meio ambiente.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho de pesquisa, buscou descrever a importância que a economia criativa, especificamente o artesanato com madeira, possui para os moradores da Comunidade Ilha do Ferro, em Pão de Açúcar, Alagoas, bem como entender, de forma preliminar, os problemas e potencialidades existentes nesta Comunidade, e no segmento do artesanato local.

No transcorrer da pesquisa foi observado que a economia criativa, especificamente o artesanato, constitui-se num setor importante para resgatar parte da cultura local, da autoestima dos moradores da Comunidade Ilha do Ferro e para o revigoramento socioeconômico da Comunidade.

Foi observado que o maior benefício para essa Comunidade é o autoconhecimento de seus comunitários, que através da busca pela sua própria identidade, conseguiram, também, transformar uma pequena atividade cultural em oportunidade socioeconômica. Um meio de trabalho para sobrevivência da população que ali reside.

Assim, o artesanato, durante a pesquisa, foi visto como um meio de subsistência, ao tempo que o artesão, também, vem sendo levado a adaptar-se ao sistema capitalista, reconfigurando a natureza do produto artesanal.

Por meio da análise de informações obtidos através de entrevista, observou-se que apesar de os artesãos terem seus trabalhos conhecidos por algumas regiões fora de seu espaço, falta perspectiva dentro da sua própria Comunidade e do município de Pão de Açúcar, onde se encontram. Nesse sentido, verificou-se que o desenvolvimento local é essencial para que as outras práticas econômicas sejam melhor executadas.

Portanto, pode-se concluir que na Comunidade Ilha do Ferro a busca pela melhoria socioeconômica e pela postura visionária, anteriormente existente na Comunidade, são as principais demandas almejadas pelos moradores da Comunidade. Foi claramente perceptível, que os trabalhadores (artesãos) são apaixonados pelo que fazem, porém, estão desacreditados de que um dia voltem a ser reconhecidos e tenham apoio comunitário e financeiro. Além disso, verificou-se

que existe a necessidade de consolidar estratégias ou planos diferenciados que possibilitem a inserção de políticas públicas específicas para essa Comunidade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo (2003). “**Desenvolver os territórios fortalecendo o empreendedorismo de pequeno porte**”. Fórum Internacional Território.

ATLAS BRASIL. **Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil 2013**. Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento. Disponível em: Acesso em: 30 set. 2017.

**Artesanato solidário. Bordados da ilha do ferro**. Programa artesanato solidário/sebrae/sudene/caixa econômica federal e centro nacional de folclore e cultura popular, s.r.l., s.r.e., s/d.

BARROS, R. Bordado boa-noite da Ilha do Ferro: Patrimônio Cultural, geração de renda e desenvolvimento regional. **Latitude**, Vol.12, nº 2, pp.385-420,2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano da Secretaria da Economia Criativa: Política, diretrizes e ações 2011-2014**. Brasília, 2011. Pág. 24. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documents/10913/636523/PLANO+DA+SECRETARIA+DA+ECONOMIA+CRIATIVA/81dd57b6-e43b-43ec-93cf-2a29be1dd071>. Acesso em: 13 março. 2019.

Constituição, Economia e Desenvolvimento: **Revista da Academia Brasileira de Direito Constitucional**. Curitiba, 2016, vol. 8, n. 15, Jul.-Dez. p. 453-479.

**Construindo o desenvolvimento local sustentável/ Sergio C. Buarque**. – Rio de Janeiro: Garamond, 2008. 4 eds.

Fernando da Ilha do Ferro, 2018. **Arte popular do Brasil**. Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com/2017/07/fernando-da-ilha-do-ferro.html>. Acesso: 17 agosto 2019.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

Germano, Beta. Ilha do Ferro: a nova Marfa, 2016. **Casa Vogue**. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Colunas/Gemada/noticia/2016/06/ilha-do-ferro-nova-marfa.html>. Acesso em 17 agosto 2019.

GODOY, A.S. Pesquisa qualitativa- tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**. São Paulo, v.35, 3p.20-29, 1995.

HISRICH, R. D., PETERS, M. P. & SHEPHERD, D. A. **Entrepreneurship**. New York: McGraw-Hill/Irwin, 2005.

HÖFLING, ELOISA DE et al. Estado e políticas (públicas) sociais. **Cadernos Cedex**, 2001.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Pesquisa de informações básicas estaduais. Pesquisa de informações básicas municipais. Brasília, 2014.

LIMA, S M. S. **Polos criativos: um estudo sobre os pequenos territórios criativos brasileiros**. Brasília, 2011. Disponível em: <http://docplayer.com.br/4184453-Polos-criativos-um-estudo-sobre-os-pequenos-territorios-criativos-brasileiros.html>. Acesso em: 04 abril. 2019.

MONTIEL, Edgar. **Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura**. UNESCO, Brasília, 2003. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001318/131873por.pdf>. Acesso em 04 abril. 2019.

**Projeto 'Alagoas Feita à Mão' é apresentado para a Unesco** - Alagoas Alerta. 2018. Disponível em: <https://alagoasalerta.com.br/noticias/alagoas/projeto-alagoas-feita-a-mao-e-apresentado-para-a-unesco>. Acesso em 17 agosto. 2019.

Ricci, Fábio; Sant'Ana, Rosângela. Desenvolvimento turístico sustentável: o artesanato local como alternativa na cidade de Santo Antônio do pinhal, SP. **Cultur revista de cultura e turismo**, ano 03 – n. 01 – jan/2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, José Augusto de Souza. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Thiago de Sousa. **O artesanato como elemento impulsionador no desenvolvimento local em municípios brasileiros**. 27 de setembro a 01 de outubro de 2010.

SASAOKA, et al. **O design e o artesanato na economia. Economia criativa ou solidária**. 12º Colóquio de Moda – 9ª Edição Internacional, 3º Congresso de Iniciação Científica em Design e Moda, UNIPÊ, João Pessoa, 2016. Disponível em: [http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/12-Coloquio-de-Moda\\_2016/COMUNICACAO-ORAL/CO-01-Design/CO-01-O-DESIGN-E-O-ARTESANATO-NA-ECONOMIA-1.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/12-Coloquio-de-Moda_2016/COMUNICACAO-ORAL/CO-01-Design/CO-01-O-DESIGN-E-O-ARTESANATO-NA-ECONOMIA-1.pdf). Acesso em: 19 maio. 2019.

**Sebrae em Alagoas.** Disponível em:

<[http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/al/quem\\_somos?codUf=2](http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/al/quem_somos?codUf=2)>

Acesso em: 16 maio. 2019.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae.

**Sobrevivência das empresas no Brasil.** Disponível em:

<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-relatorio-2016.pdf>, Acesso em 19 setembro. 2019.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WLODARSKI, Regiane; CUNHA, Luiz. **A Desigualdade social e pobreza como consequências do desenvolvimento da sociedade.** IX Simpósio Internacional Processo Civilizador, Paraná, Brasil, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/workshop/art15.pdf>. Acesso em 03 abril. 2019.

## APÊNDICE - 1

**Entrevistado: Aberaldo Dias Lima- Artesão**

**1). Quais as perspectivas de desenvolvimento dentro da comunidade de Ilha do Ferro?**

Nós não temos perspectiva nenhuma de desenvolvimento, trabalhamos em prol de nós mesmos, estamos desacreditados das pessoas, só nos enxergam em tempo político.

**2). Existe um controle nas vendas dos seus artesanatos? Quem o faz?**

Tudo que faço é controlado e anotado no caderno, toda a minha família ajuda, a responsável por muita coisa aqui é minha filha Mariana.

**3). Por onde você gostaria que comesçassem as mudanças?**

Eu gostaria que comesçassem no acesso a nossa comunidade e também nas ruas, nas praças, moramos em uma comunidade descuidada, mas rica em desenvolvimento, não consigo entender porque ainda não conseguiram enxergar isso. Podemos vir a ser o principal meio de giro da economia do Município, temos um enorme potencial turístico aqui.

**4). Qual sua expectativa para os próximos anos?**

Eu gostaria de ser reconhecido pelo meu trabalho não apenas lá fora, mas aqui dentro do Município onde vivo, vai ser uma satisfação para mim e para a minha família. Pretendo continuar trabalhando, fazendo meu artesanato, pois é isso que eu gosto de fazer.

**APÊNDICE – 2**

**Entrevistado: Secretário de Cultura em exercício do Município de Pão de Açúcar - AL**

**1). Quais as perspectivas de desenvolvimento dentro da comunidade de Ilha do Ferro?**

Temos muitas ideias ainda para esse ano, Ilha do Ferro tem uma história importante para nossa região.

**2). Existe alguma política pública de apoio aos artesãos do Município?**

Na cidade existe a casa do empreendedor, lá eles dão todo e qualquer apoio não só para os artesãos mas para todos aqueles que precisam empreender e desenvolver algum negócio.

**3). Você acredita que o Município esteja dando apoio suficiente para esses pequenos artesãos?**

Estamos passando por momentos difíceis, não temos verbas para um grande investimento, não temos pessoas dispostas a fazer a mudança acontecer, precisamos de uma boa equipe para poder iniciar esses trabalhos. Eu confio na potencialidade do artesanato em nossa Cidade.